

Entrevista inédita com o antropólogo Marc Augé: conceitos e apresentação audiovisual¹

Elane Peixoto²

Maria da Conceição Golobovante³

Resumo

Este texto apresenta uma entrevista inédita com o antropólogo francês Marc Augé, realizada em 2002, na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, Paris, pelas Profas. Dra. Elane Peixoto, Dra. Maria Conceição Golobovante e pela cineasta Jorane Castro. Nele, há um breve *curriculum* desse importante pensador e a entrevista na íntegra, considerando sua relevância para as áreas da comunicação e da arquitetura, particularmente no que diz respeito à complexidade das cidades contemporâneas.

Palavras-Chave

Comunicação; Cidade; Contemporâneo; Mídia; Video.

¹ Trabalho a ser apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas

² Doutora em Estruturas Ambientais e Urbanas pela FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), arquiteta e professora do curso de graduação e pós-graduação em Desenvolvimento e planejamento territorial da Universidade Católica de Goiás. Email: elanerib@hotmail.com

³ Publicitária, doutora em Comunicação e Semiótica e Professora dos cursos de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Belas Artes e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde atua também como coordenadora da Agência Experimental. Email: mccgol@pucsp.br

Paris, janeiro de 2002: fim da gravação da entrevista com Marc Augé. Após quatro meses de estudo, seminários e discussão acaloradas, duas pesquisadoras brasileiras, bolsistas do CNPQ, realizavam um estágio de um ano na *École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)* e terminavam esse encontro certas da contribuição deste trabalho para uma reflexão acerca da proximidade entre comunicação, arquitetura, antropologia e os nossos cotidianos urbanos.

A antropologia francesa vive um momento de grande efervescência, sobretudo, no que tange à contemporaneidade, com a atenção voltada para as cidades. Entre os autores mais representativos encontram-se Marc Augé e Gérard Althabe (*in memoriam*), fundadores do Centro de Antropologia dos Mundos Contemporâneos da EHESS de Paris. Esses autores, gentilmente, concederam duas entrevistas naquela ocasião que, por mais de cinco anos, ficaram arquivadas em nossas estantes, mas não em nossas memórias, sendo evocadas, quando necessárias, em nossas aulas e atividades de pesquisa. Neste texto, trataremos apenas da entrevista com Marc Augé, pois é a que se encontra melhor decodificada, com sua decupagem e tradução na íntegra para o português.

A entrevista com Marc Augé aconteceu na sala 401 da sede da EHESS, no clássico endereço do número 54 da Boulevard Raspail. Naquele dia frio de janeiro, em uma sala de menos de 10m², cercada por estantes de livros, com uma câmera de Mini-DV na mão e algumas idéias na cabeça, aguardávamos, com certo nervosismo, o encontro com o autor, que para nós, significava um pensamento além daquele formulado em “**Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade”. A entrevista constituiu uma oportunidade para o esclarecimento de questões relativas aos complexos fenômenos que caracterizam o nosso tempo. As perguntas dirigidas a Augé foram formuladas após uma cuidadosa revisão de suas obras publicadas, o que se reveste de importância, tendo em vista que são poucos os seus livros traduzidos para o português e publicados no Brasil. Nossas áreas de formação, a arquitetura e a comunicação, nos conferiam uma posição particular diante de questões epistemo-metodológicas próprias à antropologia e que permearam a entrevista.

Sobre Marc Augé

Marc Augé é antropólogo. Africanista, realizou pesquisas, sobretudo, na Costa do Marfim e no Togo. Foi presidente da EHESS, no período de 1985 a 1995, onde, atualmente, coordena o Centro de Antropologia dos Mundos Contemporâneos. A partir

dos anos 1980, diversificou seus estudos, realizando pesquisas na América Latina e voltando seu interesse para as realidades do mundo contemporâneo, com seus contextos múltiplos e imediatos. Desta preocupação recente, há uma bibliografia que se tornou referência nas ciências sociais - são mais de trinta livros publicados, versando sobre diversos temas tais como: o turismo, os desafios da antropologia, entre outros.

Sobre as perguntas apresentadas

A entrevista com Marc Auge foi agendada por sua secretária que nos solicitou, por escrito, as perguntas que lhe endereçaríamos, para que dessa forma, ele se preparasse para melhor nos responder.

Questões:

1. Gostaríamos de iniciar esta entrevista pedindo ao senhor que se apresentasse, referindo-se não só a sua formação acadêmica, mas também às obras e autores que contribuíram para seu pensamento?
2. No que diz respeito à sua formação, o que poderíamos considerar sua (s) (referências) herança teórica(s)?
3. Agora, uma pergunta sobre o estilo. É fato que a formação dos pensadores sociais é muito influenciada pela literatura e pela filosofia. O senhor utiliza a expressão “etnólogo romancista” para apontar o que seria um preciosismo estilístico que camuflaria a falta de rigor teórico de uma pesquisa. Reconhecemos, nas leituras de seus textos, um estilo. Na sua prática, como se dá a relação entre o rigor científico e a busca de uma escrita ?
4. Em arquitetura, o programa de necessidades é parte do momento conceitual do edifício. Ele é formado por uma diversidade de camadas que variam entre as preocupações de ordem funcional-tecnológica a outras de ordem simbólica. Na leitura de seus textos, percebemos uma grande atenção à arquitetura, privilegiada pela descrição de suas características físicas. Em que sua formação de antropólogo contribui em suas descrições?
5. Quando o senhor escolhe D. Juan como o anti – herói antropológico, descrevendo-o como o indivíduo absoluto que recusa todas as convenções sociais e todos os parâmetros etnológicos: a filiação, a aliança, a religião, a memória, já que D. Juan só

amava no amor seu nascimento, isto é: seu próprio renascimento. Em que medida podemos relacionar esta figura como uma pré-elaboração do conceito de não-lugares?⁴

6. Tomando sua definição de supermodernidade, construída pelo reconhecimento de três figuras de excesso: o tempo, o espaço e o ego - como o senhor vê as discussões abundantes sobre as identidades, postas em questão a partir do abalo dos “tradicionais sistemas simbólicos”, provocado por essas figuras de excesso?

7. O conceito de cidade genérica, formulado por Rem Koolhaas, permite uma aproximação com o de não-lugares, de sua autoria. Em que medida o senhor se posicionaria em relação a este autor? Quais seriam os pontos convergentes e divergentes?

8. A proposta para o seminário deste ano inclui uma reflexão sobre a cidade histórica e a cidade genérica. O senhor levanta a hipótese de que a cidade genérica começa a “contaminar” a cidade histórica através de determinadas brechas, como por exemplo, no caso de Paris, o Rio Sena. Porém, não seria possível afirmar que a cidade histórica já, de certa forma, teria se transformado em cidade genérica, na medida em que está submetida a fenômenos como o fachadismo? Ou ainda, o destino dado às operações de reconversão, quase sempre monofuncionais - com escritórios, lojas e uma porcentagem de habitação - não seria um indício de que a cidade histórica teria se transformado em parque temático, na medida em que age como pólo de atração turística?

9. A publicidade é um dos parâmetros, propostos pelo senhor, de caracterização dos mundos contemporâneos. Na leitura de seus textos, nota-se que sua visão não é marcada por um sentido negativo, como por exemplo a de Virilio, sendo possível perceber um certo fascínio pelo assunto, sem excluir um olhar crítico. O senhor poderia desenvolver este assunto um pouco mais e, principalmente, deter-se sobre a questão da publicidade no espaço da cidade.

10. Nesse contexto, como o senhor percebe e articula as diferenças entre os domínios do simbólico e do imaginário para as leituras que o senhor faz dos mundos contemporâneos?

ENTREVISTA: respostas Marc Augé⁵

A formação

⁴ Travessia de Luxembourg, p. 38.

⁵ Tradução: Elane Ribeiro Peixoto e Maria Conceição Golobovante. Esta tradução procurou guardar as expressões originais do autor, sendo, nos limites do possível, fiel à sua linguagem falada. Pretende-se, para o futuro, aperfeiçoar o texto, para sua publicação.

Da minha formação, tentarei falar rapidamente. Originalmente, eu fiz meus estudos em letras clássicas, “*l’agregation*”, “*normale supérieur*” e um pouco de filosofia. Depois, nos anos 60, os que se consagravam à etnologia vinham, sempre, de outras áreas: da história, da filosofia. Gente da minha geração, como Emmanuel Terray e outros, vinham de outras áreas – não de uma formação específica em etnologia, a não ser um certificado do *Musée de L’homme*.

Então, eu me lancei nesta área, após ter encontrado George Balandier que me orientou para os estudos africanistas. Mas não foi o que se passou de imediato, pois era uma época complicada. Primeiro eu tinha que fazer meu serviço militar. Eu conheci a Nigéria, mas não como etnólogo. Em seguida, ensinei um pouco no Liceu como professor, antes de entrar na “Orstom” – um organismo de pesquisa, cujas principais estações encontravam-se na África. Foi assim que, em 1965, parti para a Costa do Marfim, onde permaneci por 4 ou 5 anos. Depois, fiz outro terreno, na África: no Togo. Então, voltei para a França, entrei na *École des Hautes Études*. Continuei a estudar a África, mas o meu terreno alargou-se um pouco mais. Parti para outros países. Conheci, um pouco mais tarde, a América Latina – o que é um percurso clássico. Outros o fizeram. A experiência na América Latina, mesmo que não tenha realizado um trabalho específico, nutriu minha reflexão, pois hoje, tento fazer uma antropologia mais aplicada dentro de um outro contexto – um contexto mundial. *Voilà!* Muito rapidamente, chega-se a resumir um grande número de anos em poucas palavras.

A passagem do mundo africano para o mundo contemporâneo

Há vários aspectos. Primeiramente, eu retornei à França, mas prossegui meus estudos sobre a África. O que encontrei na África não foi uma África separada do mundo, da história. Era uma África que reagia ao choque do colonialismo, que reagia às operações de desenvolvimento, que reagia a uma enormidade de coisas. Nos anos 70, havia um tipo de otimismo. Pensava-se que seria apenas uma questão de tempo. Primeiramente, em uma perspectiva marxista, e outras, mas o fundo comum era a idéia de que os países subdesenvolvidos iriam se desenvolver. O que é um estado de espírito muito diferente do que existe hoje. Havia, portanto, uma abertura para o mundo. Então, não encontrei uma África atemporal, eterna, primitiva. Era uma África dentro (imersa) da história. Então, mais tarde, quando tentei me interessar pelo mundo do consumo, dos fenômenos que marcam a modernidade atual, eu não tive o sentimento de ruptura com a África. Algumas vezes, fala-se de “retomada”. Depois de partir, volta-se para a própria cultura.

Não é isso. É verdade que falei sobre Paris, sobre a França – são coisas das quais eu amo falar, mas isso não é um retorno do tempo em que estudei na África. Eu diria que é justamente o contrário.

A minha pequena experiência alargou-se para o mundo um pouco sistematicamente. Para a América Latina, onde pude conhecer diversos países, porque tive a oportunidade de permanecer nestes lugares. Um pouco por todo o mundo, quando tive a oportunidade de presidir a EHESS. Portanto, de tomar consciência clara, e de uma forma precoce, do contexto mundial, onde todos os fenômenos locais ganham significado, hoje em dia.

É importante ressaltar a questão da África e, depois sobre o resto, porque de uma parte, a experiência da África é fundamental e muito importante. Lá, pude encontrar muitos fenômenos interessantes, que podemos classificar sobre as rubricas: religião, ideologia, doença, etc.

E todos estes fenômenos falam da situação atual. Mas eles falam à sua maneira nas sociedades africanas que encontrei, e a literatura confirma que é a mesma coisa em outras partes. Eram sociedades que haviam elaborado modelos de interpretação da individualidade, das relações sobre o sexo, indivíduos, de maneira geral, relações de influência, de psicologia. Havia um sistema de representação da pessoa muito elaborado. Havia nos materiais africanos elementos que alimentam o diálogo, que pude ver com especialistas de outras áreas, como por exemplo: os psicólogos, os psicanalistas - pois o material é muito rico.

Foi também uma experiência completa, histórica, contemporânea. Porque na África, um movimento religioso ou político-religioso era uma reação à situação contemporânea. Isso continua. Há profetas que falam do que se passa nos corpos individuais ou na sociedade em geral. E no fundo, quando fui à América Latina, pude olhar mais de perto a questão do xamanismo ou dos cultos locais: candomblé, umbanda – ou na Venezuela, o culto da Maria “onça”. O Brasil é muito importante, os caboclos e tudo mais.

A comparação entre os processos modernizadores da África e de outros lugares

É isso, mas é outra coisa também. Acho que o que senti na África é que, no fundo, os etnólogos que crêem estudar (reconstituir) o passado – o que é uma busca difícilíssima – se deparam sempre com um estado anterior e posterior. De fato são especialistas do presente. Isto quer dizer que finalmente o que é interessante na experiência etnológica é que os etnólogos falam do que eles consideram como impuro: o contato, a relação com a modernidade, a crise da família, o deslocamento de populações – mas é isto a

atualidade. Marcel Mauss dizia que é necessário estudar os fenômenos sociais totais, em todos os seus aspectos. Estudar a totalidade, hoje, significa estudar a crise da sociedade, e é estudar os novos contextos que lhe conferem sentido. Enfim, os etnólogos estudaram sempre o começo e não o fim. A ilusão é que se pensa estudar as sociedades que morreram, o que na verdade a gente estuda é uma nova sociedade que nasce. Uma sociedade em processo de se ajustar ao novo contexto, às vezes “na dor”, às vezes em situações de injustiça enorme - que estão longe de serem resolvidas, mas é a isto que observamos. Acredito, então, que a qualquer tempo, daremos conta de que a literatura etnológica é um testemunho extraordinário de um novo mundo que está em processo de se constituir. Fala-se muito de mundialização, hoje, mas o colonialismo e o pós-colonialismo foram etapas iniciais desse processo. No fundo, é o nascimento do planeta como mundo, ao qual, localmente assistimos. É um pouco o sentimento que tive, e que se faz mais nítido, por meus deslocamentos, vendo que em linguagens diversas, os grupos humanos estão preocupados com as mesmas coisas. Fundamentalmente, é claro, e historicamente porque de uma forma ou de outra, eles têm acesso à cena mundial. Mesmo os índios mais perdidos na Floresta Amazônica portam qualquer coisa do contexto em que vivem – esta é uma lição.

Uma outra lição, quando falo desta passagem da África para outra parte, é que privilegiei outras maneiras de me expressar. Principalmente, quando volto à Paris, fiz pequenos textos, que parecem uma etnologia parisiense: A travessia de Luxembourg e Um etnólogo no metrô. É necessário compreender que estes textos revelam ou surgem de uma preocupação com o método. Quer dizer que eu me indagava sobre o que seria este *métier* de antropólogo. E eu me colocava no papel do “nativo” respondendo ao etnólogo. E o único etnólogo que eu tinha à mão era eu, então eu fazia um exercício de “auto-etnologia”! Isto é: eu imaginava o que responderia se fosse indagado sobre a significação desta ou daquela coisa familiar. Para começar, com o nome de uma estação de metrô – eu diria que não sei. Mas isto não quer dizer que eu estou escondendo algo de meu entrevistador, isso significa que lido com coisas diárias. Um nome de estação, por exemplo Cardeal Lemoane, que não sei a que se refere. Esta é uma questão típica que o etnólogo propõe – e se não respondemos, ele acredita que estamos escondendo algo – não é assim, necessariamente. Este é um pequeno exemplo.

Verifiquei, também, que as categorias de análise etnológica se prestam bem a descrever o nosso próprio percurso, as sociedades urbanas. É também um exercício de método para responder suas perguntas.

A escrita e o estilo

Quando se fala em nome pessoal sobre questões supostas e pessoais – pois, sou eu quem inventa estas questões - obriga-se a recorrer a um outro estilo, um estilo mais pessoal.

É uma escrita que é um pouco diferente. É verdade que sempre tive o gosto pela escrita. Quando tentamos exprimir algo, mesmo que seja de ordem da antropologia e etnologia, passa-se por uma única expressão mais literária, mais pessoal – o que é outro aspecto da coisa – já que vocês me permitem “vagabundear”. O que me parece muito importante, hoje, é afirmar que na antropologia, insisto muito na antropologia, mais que etnologia, pelo aspecto comparativo, transversal. A antropologia tem o que dizer para análise do mundo contemporâneo. A sua maneira, observando as situações locais, o antropólogo trabalha só. A princípio, ele deve poder dar conta dos fenômenos locais e ele deve dar conta também de tudo o que é novo no contexto. E o contexto, de uma parte, é o planeta inteiro, e um mundo onde a circulação, a comunicação, o consumo são privilegiados – são a ideologia do mundo, hoje. Não se pode dizer que todos consomem ou circulam na mesma proporção, bem entendido. Há um sistema de valores – ambientes, e um aparelho tecnológico que caminha em paralelo. Foi o que tentei mostrar em *Não-lugares* há espaços inéditos no mundo atual - os espaços justamente de circulação e consumo, sem precedentes, que não tinham equivalentes estritos no século anterior.

Globalização e mundialização

Sempre houve mundialização e globalização. O que é novo também é o que entendemos por mundialização – o contexto é sempre, hoje, mundial. Bem entendido, os impérios existiram e eram percebidos, de certa maneira, por mundo. Hoje há uma coincidência entre o mundo e o planeta, enquanto corpo físico. Nós tomamos consciência dele de diversas maneiras. E aí, é necessário distinguir os termos da globalização – processos econômicos, mercado liberal, liberalismo triunfante, depois da derrocada do regime comunista. É também a comunicação, através de sua tecnologia, a ligação forte entre economia e comunicação. É a neo-economia da qual se fala hoje. – Isto é uma coisa! A globalização, na minha opinião, é apenas um aspecto da mundialização.

Há um outro aspecto, o que chamaria de planetarização: a consciência planetária que tem pelo menos dois aspectos. A consciência de que pertencemos a um único planeta. A ecologia nos ajudou a tomar consciência deste fato a partir do momento que nos

preocupamos com as ameaças provenientes dos buracos nas camadas de ozônio – ou coisas como estas. Estamos falando do corpo físico do planeta. Do aquecimento, etc.

Há um outro aspecto, um aspecto social. É necessário ver que mais o mundo se uniformiza, através das redes de comunicação, mais ele se torna desigual. Os mais ricos tornam-se cada vez mais ricos e os mais pobres cada vez mais pobres. É uma espécie de contradição entre esta aparente igualdade de um lado e desigualdade do outro.

É uma contradição que me atinge muito. Parece-me, hoje em dia, que é necessário estar dentro do sistema. Se estamos fora do sistema, nos tornamos objetos da caridade, das ações humanitárias. Todas estas palavras que surgiram há pouco tempo.

Eu fazia alusão, há pouco, sobre os anos 70. Nos anos 70, havia alusão a esta linguagem de desenvolvimento. Estávamos, verdadeiramente, em uma perspectiva em que todos conseguiriam se desenvolver. Hoje, parece-me que há, oficialmente, a idéia de que uma parte do mundo deve ser objeto de caridade, uma idéia que é sustentada pela ideologia atual dominante. Não creio que alguém possa dizer, seriamente, para tomar o exemplo africano, que o Mali e o Burundi vão ascender a um futuro razoável, ou a um mesmo status de um país da Europa ou da América do Norte.

E isso, lê-se também em escala nacional, local. Por exemplo, em certos países da América Latina, há setores bem desenvolvidos que estão dentro do sistema e há outros que não estão. Mas isso acontece nos EUA também. Esta divisão entre o sistema e o resto se manifesta no interior de um mesmo país. Ele se traduz no espaço. Penso nas cidades sul-americanas porque nelas tudo é mais espetacular.

A evolução urbana, em geral, toma um certo aspecto: os centros super sofisticados e luxuosos – que são os lugares da alta tecnologia, depois, os condomínios privados, muitas vezes, cidades privadas, imóveis vigiados e um pântano de miséria mais ou menos marcado...

Como um mar, de onde emerge essa fortaleza – o que é reforçado em certos países pela migração da população rural, para a periferia urbana.

Então, a grande tensão do período atual é esta oposição entre a globalização econômica tecnológica que cobre de redes globais a Terra inteira e uma consciência de que pertencemos a um mesmo planeta, com os problemas que isto implica, tanto no aspecto físico do planeta ou no conjunto da população. Contraste, portanto, da uniformização e da desigualdade. Esta é, evidentemente, uma vasta questão, cujos efeitos podemos observar localmente. É este o contexto atual e, portanto, é necessário ter consciência para observar as coisas.

Do lado da globalização, o que me interessa, ultimamente, é o sistema de imagens: da televisão, do simulacro, da espetacularização, do qual o turismo é um exemplo, no universo urbano. Este universo de imagens... Parece-me que há bons aspectos desta questão: um que se destina aos indivíduos, enquanto tal - quando se olha a televisão, por exemplo, eu a olho como um espectador solitário diante das imagens da televisão – eu tenho uma ilusão de relação. Há, então, algo que dessimboliza a sociedade em proveito de um imaginário pobre – de um tipo de relação entre o indivíduo e o reflexo. Isto é uma coisa importante que corresponde a uma forma de arranjo do mundo em espetáculo, do qual temos inúmeros exemplos: os parques temáticos, a Disneylândia. Há também esta relação entre uma parte da humanidade e a outra. Porque o turismo é, essencialmente uma parte da humanidade que olha a outra como espetáculo. Seja porque privilegiamos o espetáculo natural, ignorando a gente que está no entorno, seja pelo aspecto folclórico e caricatural. O fato é de que lugares de ficção, no modelo de Las Vegas, existem em todo o mundo – na pequena escala – também acentua o aspecto das coisas. O turismo não é, com regra geral, a descoberta – não estou me opondo ao turista; estamos todos no mesmo barco.

Mas é verdade que há uma atividade para olhar os outros ou para ter ilusões, imagens falsas, muito parciais, que nos dão impressão de descobrir o mundo – o que é um efeito muito perverso. *Voilà*, algumas das questões que me interessam, nos últimos anos.

A posição em relação a Virilio e Baudrillard

É verdade que me sinto, comparado a Virilio e Baudrillard, mais otimista. Mas é um otimismo relativo – se você quiser. Deve ser uma questão de temperamento, posso estar enganado. Meu sentimento profundo é de que a História não está terminada. Há terreno de luta, há contradições, há, em longo termo, a continuidade da história e as coisas vão mudar.

Sou hostil à fórmula de Fukuyama⁶ de que a história está concluída. Em outras palavras, ele quer dizer que não há outra fórmula senão a combinação entre a democracia liberal representativa e a economia de mercado. Não estou certo, não sei ainda. É de todo certo que em muitos países esta fórmula não responde. Há, portanto, a violência e contradição em potência.

⁶ O artigo de Fukuyama, com o título "The end of history" apareceu em 1989, na revista norte-americana *The national interest*. Em 1992, Fukuyama lançou o livro *The end of history and the last man*, editado no Brasil com o título "O fim da história e o último homem", trad. Aulyde Soares Rodrigues, Rocco, Rio de Janeiro, 1992.

Meu otimismo é relativo porque creio que haverá muita violência no mundo. E diria isto antes do atentado de Nova York. Mas a violência é parte da história, eu não sou violento, eu não apelo pela violência. Mas este é um fato que se observa na história. Que há violência na história. Há mais violência no mundo hoje do que jamais houve – mais eficaz, porque temos os meios melhores e mais performáticos de exercê-la.

A violência está presente e a história não está terminada. Este sistema de tempo, o mundo global do sistema e, depois, o mundo residual – que é majoritário. Não creio que possa escapar à história: à inversão de situação, etc. Não sei o que será o futuro – não sou um profeta, trabalhei com profetas, na África. Estou convencido de que haverá uma história e penso ser útil um mínimo de ação política, para lembrar certos princípios – se o que nos interessa é verdadeiramente o conhecimento e a ciência: se o que nos interessa é, de uma parte, a exploração do espaço e, de outra parte, o conhecimento dos mecanismos da vida. A questão da divisão da pobreza e da riqueza entre a humanidade são questões derrisórias. É evidente que não podemos dispensar nossas energias tentando destruir os mais pobres em proveito dos mais ricos. São questões que devem ser reguladas – isto em benefício do conhecimento – isso pode parecer utópico – mas é o bom senso.

Não estou certo de que o bom senso se imponha. O bom senso não se impõe jamais senão através dos processos históricos – mais uma vez, a história é longa.

Creio que Virilio e Baudrillard são mais apressados do que eu para falar de um fim mais apocalíptico – o que não é um fim da história, mas um tipo de fim do mundo. Eu não acredito em fim do mundo, nem no fim da história. O que me aborrece é que um dia vou desaparecer e não saberei a sequência desta história – mas não sou único.

Sobre Rem Koolhaas

Rem Koolhaas me interessou – ele veio à *École* – pela forma como ele falou da “cidade genérica”. Ele próprio realiza a cidade genérica. É muito difícil saber, quando o ouvimos falar, ou quando o lemos, se é uma linguagem cínica ou não: será que ele realiza apenas o que podemos realizar hoje? Será que ele se posiciona a favor... Eu não sei, não li tudo, mas há um tipo de ambigüidade. Porém, ele desenha bem as coisas. Eu sou completamente de acordo com ele, sobre a distinção entre cidade genérica e cidade histórica – complementando o que ele próprio já disse – que a cidade histórica tende a tornar-se, ela própria, cidade genérica. É sobre o que trabalhamos, neste momento, com

Gerard Althabe⁷. O lado histórico das cidades francesas, a cada dia, torna-se objeto de espetáculo. É evidente o que chamamos de cidade histórica, ou centros históricos – o que é muito engraçado, tornaram-se espaços muito protegidos para os turistas. Dito de outra forma, acredito que a urbanização do mundo tende à vulgarização da cidade genérica. O caso de Paris é muito interessante porque aparentemente é uma resistência. Há em Paris os fenômenos, como as feiras, que dão a sensação de que há vida da cidade, mas é muito relativo. Paris, como o resto, assemelha-se ao mundo. É inelutável quando mudamos de escala, há pontos demarcáveis no mundo que pertencem ao mundo, ao mesmo planeta.

Sobre arquitetura

O encontro com os arquitetos não foi premeditado. É verdade que os antropólogos se interessam pelo papel demiúrgico dos arquitetos e pela capacidade, em aparência, de transformar o espaço – o que é fascinante. Tive a oportunidade de encontrar estes profissionais, após ter escrito os **Não-lugares**: – não imaginava que esse poderia interessar aos arquitetos e artistas, mas os interessou. Sem dúvida, eles aí encontram questões atuais, à quais eles também refletiam.

A primeira coisa que me interessou, no caso dos arquitetos, é que eu estava em oposição simétrica a eles. Já participei de projetos com os arquitetos, - é verdade que eles imaginam muitas coisas, que justificam as formas que escolhem. Também se dedica às questões de funcionalidade, a utilização da construção. Porém, uma vez o projeto realizado, ele vive sua própria vida. Tem-se, por exemplo, certos espaços propostos para determinados fins que são reutilizados – são rearranjados pelos usuários e ganham um novo equilíbrio. O etnólogo, numa posição inversa, pode chegar à intenção dos arquitetos, mas no fundo, tanto os arquitetos quanto os etnólogos estão interessados na relação do espaço e da sociedade ou pela relação do espaço e no que nele se pode fazer. E isto é fundamental, gente como os arquitetos Priste e Valode me interessaram. Fiz um pequeno trabalho sobre a obra deles. Eles fizeram muita arquitetura industrial. É interessante verificar como as relações de trabalho foram pensadas, para um grupo como a L'Óreal. Então, achei um material para exercer o olhar antropológico. Hoje, a arquitetura parece propor questões muito interessantes, porque ela está ligada à urbanização – esta urbanização do planeta, que por sua amplitude, perpassa o meio dos

⁷ Gerard Althabe (1932-2004). Na época, ele dirigia junto com Marc Augé o Centro de Estudos dos Mundos Contemporâneos.

arquitetos. Portanto, há esta arquitetura que segue esta urbanização e há os “eventos arquitetônicos”, na escala do planeta: a pirâmide de Pei, o Guggenheim de Bilbao, enfim, este tipo de coisa que pertence à escala planetária. Há nisso uma implicação: a arquitetura pertence ao universo da arte? – Aí temos uma questão implícita.

Tudo interessa ao antropólogo pelo fato de que o imaginário e a imaginação são objetos clássicos do antropólogo. Assim, estas criações da arquitetura e esta progressão das cidades da mesma forma que as imagens da televisão, elas entram no imaginário contemporâneo – elas são, portanto, bons objetos de observação.

Diferença entre simbólico e o imaginário

Há diferença sim, mas não posso fazer uma exegese de Lacan e Levi Strauss – o que seria muito difícil, mas emprego a palavra simbólico, no sentido empregado por Lévi-Strauss. É bem isto, um sistema de relação: o primeiro é a linguagem que implica indivíduos em si mesmos. Acho que classicamente, já se observava que a etnologia estuda as relações, portanto: o simbólico – seu sentido. Algumas vezes, refiro-me ao “sentido” – sentido social do fato nas quais estas relações são pensadas pelos seus termos. O imaginário é o produto da imaginação. Pode ser coisa como os contos, imagens. A relação imaginária às coisas é uma relação individual. Tenho uma relação imaginária com o que imagino ou tenho uma relação imaginária com a imagem. Se vejo os indivíduos na televisão que me contam coisas – tenho com eles uma relação imaginária – no sentido que é uma relação que não se aplica ao outro. Pode haver outros que estabeleçam esta relação, mas esta não se estabelece como particular. É diferente, se vemos uma peça de teatro, que pertence ao nosso patrimônio comum, uma tragédia grega, por exemplo, ou quando compartilhamos uma peça de música, há uma convergência de imaginação em direção a algo comum que nos diz qualquer coisa. Há um elo entre os que compartilham este momento. Em contrapartida, quando este elo é rompido não há mais que uma relação individual às coisas. O que me parece importante é a relação entre o imaginário individual e o imaginário coletivo e entre o imaginário coletivo e o simbólico. O “imaginário” simbólico é a relação explícita entre uns e outros e o imaginário coletivo é o produto de uma imaginação partilhada, o mito, por exemplo. E depois o imaginário individual – o que é de cada um que pode ser fechado na individualidade.

Sobre Don Juan

Don Juan é um personagem, um herói pelo qual sempre tive simpatia. Principalmente pelo Don Juan de Molière, porque ele busca as coisas, ele refuta os valores estabelecidos. Ele tem um gesto, que não se explica nos termos do cinismo. É amor à humanidade. Ele parece prefigurar o século XVIII. Tudo aquilo que eu amaria crer: a liberdade do indivíduo, a solidariedade, e, para evocar a divisa revolucionária, a fraternidade. Fundamentalmente, uma certa igualdade face à morte. É um personagem que me fascina por sua relação ao tempo. Porque, bem entendido, ele é infiel, mas ele é fiel a si próprio, no sentido de que aquilo que o atrai é o novo. De uma certa maneira, podemos imaginar que ele experimenta, sempre, a mesma coisa – é o que ele chama o “charme das inclinações nascentes” – quando se apaixona. É uma espécie de vacilo, de frêmito, de sair de si próprio. Se pensarmos em termos deste começo, é um homem que nunca renuncia. Cada vez que ele repete, ele recomeça. É a ilusão de recomeçar. Neste sentido, ele é verdadeiramente um mito. É um mito moderno? Sim, acredito ser um mito do indivíduo, no século XVIII. O que ele teria a ver com a supermodernidade ou a época atual: nós poderíamos relacioná-lo ao consumidor compulsivo, mas penso – isto me desagradaria, pois tenho simpatia por ele – esta é uma interpretação possível. Creio que, se Don Juan de Molière vivesse hoje, ele não tomaria as coisas seriamente. Ele seria o sacrilégio. Ele é sempre o sacrilégio, D. Juan.

Portanto, diante do culto do consumo, diante das evidências que nos acenam ao longo do tempo, através da mídia, creio que ele não seria este homem do consumo.

Eu imaginaria o D. Juan de hoje, mas ele teria – eu não sei o que ele faria – ele encontraria um meio de democratizar o que estamos habituados. Ele procuraria o verdadeiro rito, o rito que pode inaugurar, verdadeiramente, abrir as coisas. Porque D. Juan não é o homem da repetição simplesmente. Ele não recua jamais. Ele seria um suicida, desesperado – nós o podemos direcionar para muitas coisas, já que é um personagem de teatro. Ele não teria medo de enfrentar o que não crê.

Referências Bibliográficas

Marc Augé

1. Publicações Individuais

- **Le Rivage alladian. Organisation et évolution des villages alladians.** Paris: Office de la Recherche Scientifique et Technique Outre-Mer, 1969.
- **Théorie des pouvoirs et idéologie. Etude de cas en Côte d'Ivoire.** Paris: Hermann, 1975.
- **Pouvoirs de vie, pouvoirs de mort. Introduction à une anthropologie de la répression.** Paris: Flammarion, 1977.
- **Symbole, fonction, histoire: les interrogations de l'anthropologie.** Paris : Hachette, 1979.
- **Génie du Paganisme.** Paris: Gallimard, 1982.

- **La traversée du Luxembourg.** Paris : Hachette, 1985.
- **Un ethnologue dans le métro.** Paris : Hachette, 1986.
- **Le Dieu Objet.** Paris: Flammarion, 1988.
- **Domaines et Châteaux.** Paris : Le Seuil, 1989 .
- **Non-Lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité.** Paris: Le Seuil, 1992.
- **Le Sens des Autres. Actualité de l'anthropologie.** Paris : Fayard, janvier 1994.
- **Pour une anthropologie des mondes contemporains.** Paris : Aubier, octobre 1994.
- **Erró, peintre mythique.** Paris: Le lit du vent, décembre 1994.
- **Paris, Années 30. Roger-Viollet.** Paris : Hazan, 1996.
- **L'impossible Voyage. Le tourisme et ses images.** Paris : Payot, mars 1997.
- **La guerre des rêves. Exercices d'ethno-fiction.** Paris: Le Seuil, avril 1997.
- **Les Formes de l'oubli.** Paris : Éditions Payot et Rivages (Manuels Payot), 1998 .
- **Fictions fin de siècle.** Paris: Fayard, 2000.

2. Publicações em colaboração

- **Le sens du mal. Anthropologie, histoire, sociologie de la maladie.** (Com Claudine Herzlich). Éditions des Archives Contemporaines, 1983
- **Nkpiti. La rancune et le prophète.** (Com Jean-Paul Colleyn). Paris : École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Acné et RTBF, 1990.
- **Paris Retraversé.** (Texte de Marc Augé : «Mémoire, image, oubli », e fotografias de Jean Mounicq.) Paris : Imprimerie Nationale Éditions, septembre 1992.
- **Paris Ouvert.** (Texte de Marc Augé : «Paris ou le fleuve immobile » e fotografias de Jean Mounicq). Paris : Imprimerie Nationale Éditions, mars 1995.
- **Dialogo di Fine Millenio tra Antropologia et Modernita.** (Com Antonio Torrenzano). Torino: L'Harmattan Italia, 1997.
- **Valode et Pistre.** Paris : Éditions du Regard, 1998.
- **Bastow, Pastels et dessins.** (Texte de Marc Augé : «La piscine et l'atelier ») Paris : Galerie Alain Blondel, 1998.
- **Venise d'eau et de pierre.** (Texte de Marc Augé : « Venise au-delà du miroir » e fotografias de Jean Mounicq). Paris : Imprimerie Nationale Éditions, 1998.
- **Desde la ciudad. Arte y naturaleza.** (com J. A. Alvarez Reyes, J. Calvo Montoro, D. Canogar, H. Capel, A. Fernandez Alba, C. Garcia Vasquez, M. Gaviria, J. Maderuelo, A. Souto, C. Tudelilla, sous la direction de J. Maderuelo). Texte de Marc Augé : « Lugares y no lugares de la ciudad », Atas do IV Curso, Huesca, 1998.
- **Muntadas. On translation : The Audience.** (Direção de Octavi Rofes , com Bartomeu Mari, Octavi Rofes, Walter Benjamin, Barbara Kirshenblatt-Gimblett). Texte de Marc Augé : « From Space to the Gaze ». Rotterdam: Witte de With, 1999.
- **Le clonage humain.** (Direção de Maurice Olende, com Henri Atlan, Mireille Delmas-Marty, Roger-Pol Droit, Nadine Fresco). (Texte de Marc Augé : « Des individus sans filiation »). Paris : Le Seuil, 1999.
- **Qu'est-ce que la culture ?** (Direção de Yves Michaud). Université de tous les savoirs, Vol. 6. (Texte de Marc Augé: « Culture et déplacement »). Paris: Éd. Odile Jacob, 2001.

3. Direção de obras coletivas

- **La Construction du monde. Religion, représentation, idéologie.** Paris: Maspéro, 1974.
- **Les domaines de la parenté. Filiation, alliance, résidence.** Paris : Maspéro, 1975.
- **La mort et moi et nous.** Paris : Textuel, 1995.